

ACR - FESTA DAS COLHEITAS 2009

CASA DO OESTE - RIBAMAR

Homilia Domingo 29 B

Ribamar 2009-10-18

Jesus bebeu o cálice do pecado até à última gota, Cristo é baptizado no sofrimento, assumindo o julgamento de Deus para o mundo. Jesus assume sozinho o pecado universal e encarnando salva, redime, purifica. É nosso Redentor, nosso Salvador, Salvador da história e do mundo. É bebendo o cálice amargo da morte e sendo baptizado como servo sofredor, mergulhando nas provações que é redentor e salvador.

Custa aos discípulos, e também a nós, compreender que se seguimos Jesus não é para nos sentarmos junto dele em tronos a julgar os outros. Os discípulos começam a ver Jesus a subir para Jerusalém e a anunciar a sua paixão e querem garantir que ajudarão a julgar os outros, que se farão zelosos do lado de Deus. É natural. Quem segue um chefe espera um lugarzinho quando ele subir ao poder. Sempre assim vai sendo. Jesus consciente da sua missão de Messias, confia em Deus e descobre que só será chefe servindo como servo. Assim apela aos que o seguem que entrem na via do serviço. Jesus não vem condenar o mundo pecador, vem para salvar, entregando a vida para libertar dos pecados. Toma sobre si a sorte dos pecadores e a sua condenação. A única forma de salvar é beber o cálice para poder sentar-se no trono. Só passando pelo baptismo da provação julga a terra, só pelo serviço é chefe.

Não é apenas o sofrimento inerente à condição humana que compõe a vida de qualquer cristão, mas também o sofrimento da rejeição e do abandono que conduziu Cristo à cruz. E neste processo não há baixas de preço. Ser discípulo de Jesus custa sempre o preço do sofrimento, do isolamento, da incompreensão. Cristão que leve a sério seguir Jesus nas opções da economia, nos comportamentos sociais, familiares e políticos, profissionais e culturais, sentir-se-á só, com a cruz a carregar, mas na presença alegre de Deus.

Temos na recente encíclica de Bento XVI indicações firmes e claras para a nossa vida em comunidade cristã. Convida-nos a transformar a depressão em momento para animar as decisões de princípios éticos. Só assim os passos serão sólidos e equilibrados nos próximos anos. A humanidade tem meios para conduzir os acontecimentos do mundo na justiça e na paz no campo social e económico.

É bem claro o desejo de indicar o específico cristão em matéria social, de apontar uma leitura de fé da realidade humana hodierna, para que seja evidente que a encíclica não é um texto de sociologia ou economia, nem proposta de uma terceira via ideologicamente definida. A leitura cristã impulsiona a uma acção guiada pela ética cristã, oposta a posições neoliberais.

ACR - FESTA DAS COLHEITAS 2009

CASA DO OESTE - RIBAMAR

O tema central da encíclica é o desenvolvimento autêntico do ser humano, respeitando a totalidade da pessoa em cada dimensão, segundo o plano de Deus. Trata naturalmente de temas conexos no mundo em vias de globalização. A insistência na realização da caridade na verdade insere-se na preocupação permanente no texto para favorecer uma humanização do mundo dominado pelo egoísmo, e conflitos ditados pela lei do mais forte.

Importa homens e mulheres dispostos a concretizar no terreno as medidas oportunas para um verdadeiro desenvolvimento, na globalidade da vida humana.

O projecto de Deus para a humanidade, a centralidade da pessoa, a necessidade de oferecer um rosto humano a todos os aspectos da vida social e económica, o ligame entre caridade e verdade, na teologia e na DSI, ditam as regras para a convivência pessoal, nacional e mundial

O desenvolvimento acontecerá se a caridade for exercida à luz da verdade e se a verdade é traduzida em caridade. Um fio condutor do texto é a verdade sobre o ser humano.

A caridade na verdade é "força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade" (n.1). Somos construídos sujeitos de caridade, chamados "a difundir a caridade de Deus e a tecer redes de caridade" (n. 5)

Sem verdade a caridade cai no sentimentalismo, torna-se invólucro vazio, prisioneira de emoções e opiniões contingentes, palavra abusada e adulterada (n.3).

"Sem verdade, sem confiança e amor pelo que é verdadeiro, não há consciência e responsabilidade social e a actividade social acaba à mercê de interesses privados e de lógicas de poder", (n.5).

"Sem verdade, cai-se numa visão empirista e céptica da vida, incapaz de se elevar acima da acção porque não está interessada em identificar os valores — às vezes nem sequer os significados — pelos quais julgá-la e orientá-la. A fidelidade ao homem exige a *fidelidade à verdade*, a única que é *garantia de liberdade* (cf. Jo 8, 32) e da *possibilidade dum desenvolvimento humano integral*." (n.9).

Existem ainda muitos países pobres e persistem graves problemas e dramas que a crise actual fez saltar. O Papa elenca alguns destes mecanismos perversos: actividade financeira especulativa, imponentes fluxos migratórios não adequadamente geridos, fruição desregulada dos recursos do planeta, distorção das ajudas internacionais, excessiva protecção dos direitos de autor em campo sanitário etc. enquanto por outra parte em muitos países pobres persistem modelos culturais que atrasam ou impedem o processo de desenvolvimento. Outros processos são mais claramente ambivalentes e produzem efeitos positivos ou negativos conforme são guiados, como por exemplo a deslocação de empresas e a mobilidade laborativa, a técnica e os mecanismos da globalização. Os vários aspectos da crise e das suas soluções estão conexos entre eles e "pedem novos esforços de compreensão unitária e uma nova síntese

ACR - FESTA DAS COLHEITAS 2009

CASA DO OESTE - RIBAMAR

humanística" (n.21), necessária pela falta de reflexão, de pensamento em grau de operar uma síntese orientadora.

Aquilo sobre que a encíclica insiste é a necessidade de uma renovação cultural e a redescoberta de valores de fundo sobre os quais construir um futuro melhor, fazendo da crise uma ocasião de discernimento e de nova projectualidade. Hoje, são globais muitos aspectos económicos, financeiros, informativos, mas não os valores. Com base na concepção cristã de fundo, o Papa centraliza claramente o inteiro sistema cultural, político, social e económico na pessoa humana, que não pode ser nunca tratada como um meio, ou pior, como um produto, ou, no processo produtivo, como matéria-prima.

É interessante notar que todas estas considerações sobre a actividade económica (tradicionalmente orientada e animada pela investigação do lucro) venham pelo Papa desvalorizadas pela introdução de um conceito insólito em economia, o da gratuidade e da lógica do dom. "O ser humano **está feito para o dom**, que exprime e realiza a sua **dimensão de transcendência**, (n.34). Eliminar esta dimensão da gratuidade significa arrumar da história a esperança cristã. Sendo dom de Deus totalmente gratuito, faz parte da nossa vida como algo de não devido, que transcende qualquer lei de justiça, porque o dom, por sua natureza, ultrapassa o mérito. A sua regra é o excesso. Verdade e caridade são também dons, que não devem justapor-se à justiça como algo de sucessivo, "**o desenvolvimento económico, social e político precisa, se quiser ser autenticamente humano, de dar espaço ao princípio da gratuidade como expressão de fraternidade**". (n.34).

A encíclica lamenta que actividades não rentáveis não sejam adequadamente favorecidas pelo sistema fiscal, jurídico etc como as actividades inspiradas pela lógica do lucro, mesmo se se trata de um sector diversamente inspirado: "O mercado da gratuidade não existe, tal como não se podem estabelecer por lei comportamentos gratuitos, e todavia tanto o mercado como a política precisam de pessoas abertas ao dom recíproco, (n. 3 9)

A encíclica desenvolve um olhar de benevolência sobre o mundo sofredor e ao mesmo tempo fascinante, do qual não se limita a denunciar males ou maldades. Não demoniza nem a economia, nem a técnica, nem o mercado, nem as várias actividades económicas, antes elogia o desenvolvimento e a técnica, mas põe de alerta sobre as possibilidades, infelizmente concretas, da sua distorção. Mas o mal não está nelas; está em quem as usa, num modo assinalado pelo pecado.

Além destas considerações, parece que o texto papal preste justiça ao mundo complexo como o nosso, do qual procura individuar alguns mecanismos fundamentais para poder dar-lhes alma mais humana. É um texto de esperança, quase um chamamento à utopia, em termos modernos, de um mundo mais fraterno e mais solidário. O Papa convida a sonhar, enquanto entramos no novo século privados de visões de largo alcance.

ACR - FESTA DAS COLHEITAS 2009

CASA DO OESTE - RIBAMAR

Se Cristo foi servo sofredor, a Igreja não poderá escolher outro caminho se não o do serviço humilde. O sentido do amor feito serviço está na raiz das intervenções humanas dos discípulos de tal Mestre. Quando a Igreja se uniu ao poder ou exerce o poder sem o rosto do serviço ela está a paganizar-se. Há que evitar ser instrumento do poder. Se a Igreja faz apelos a todos não é por razões de poder, mas simplesmente porque é fiel ao seu serviço de humanização e de anúncio da verdade de Deus.

A Igreja é serva da sociedade como fermento, amando decididamente todos os seres humanos. *Vamos confiantes ao trono da graça.* Nesta eucaristia ganhemos vigor e audácia na oração e ao comungar o corpo do Senhor, renovemos o nosso dar a vida cada dia. Só o serviço pode desbloquear muros, divisões e abrir caminhos à esperança do futuro. Vamos com firmeza celebrar a vida nova que Cristo nos trouxe. O pão e o vinho transformados no Corpo e sangue de Cristo são alimento e bebida para a vida do serviço por amor.

D. Carlos Azevedo

Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa